

# Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

## ENCERRAMENTO DO ANO SACERDOTAL

11 de Junho de 2010

---

### RENOVAR O AMOR DE DEUS NA IGREJA

**"Ser bom pastor segundo o coração de Deus"**

(Santo Cura d'Ars)

**"A fidelidade no tempo é o nome do amor"**

(Papa Bento XVI)

#### Depois da saudação inicial (ler a introdução e algumas das passagens indicadas)

---

Estamos reunidos para a grande celebração da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, que coincide com o encerramento do Ano Sacerdotal, proclamado há um ano pelo Papa Bento XVI.

Ao longo destes três dias procurámos meditar e renovar os grandes dinamismos da nossa vida cristã: a santidade, a comunhão, a missão. Deixámo-nos interpelar ainda pelo desafio que o Papa nos deixou há dias após a visita pastoral ao nosso país: "incentivar um renovado impulso espiritual e apostólico" nas nossas vidas e nas nossas comunidades cristãs.

Neste dia de encerramento do Ano Sacerdotal, renovemos em nós e nas nossas comunidades o dinamismo do Amor, essência do Ser de Deus na essência dos nossos seres!

Contemplemos e saboreemos o amor de Deus derramado nos vossos corações pelo Espírito de Jesus Cristo!

Vivamos e testemunhemos esse amor, essência da nossa vida!

Centre-mos a nossa atenção na Palavra que nos é dada como alimento nesta Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, que marca o encerramento do Ano Sacerdotal.

Logo no início desta celebração, deixemo-nos interpelar igualmente por breves mas pertinentes palavras do Santo Cura d'Ars e do Papa Bento XVI no anúncio do Ano Sacerdotal e nas propostas dirigidas em Portugal, qual convite a renovar o Amor de Deus derramado nos nossos corações.

- "**«O sacerdócio é o amor do Coração de Jesus»**, costumava dizer o Santo Cura d'Ars. [...] "O Cura d'Ars era humilíssimo, mas consciente de ser, enquanto padre, um dom imenso para o seu povo: **«Um bom pastor, um pastor segundo o coração de Deus**, é o maior tesouro que o bom Deus pode conceder a uma paróquia e um dos dons mais preciosos da misericórdia divina». Falava do sacerdócio como se não conseguisse alcançar plenamente a grandeza do *dom* e da *tarefa* confiados a uma criatura humana".  
(Bento XVI, *Carta de abertura do Ano Sacerdotal*, 16 de Junho de 2009)
- "A quem se apresentava já desejoso e capaz de uma vida espiritual mais profunda, o Cura d'Ars abria-lhe de par em par as profundidades do amor, explicando a inexprimível beleza de poder viver unidos a Deus e na sua presença: «Tudo sob o olhar de Deus, tudo com Deus, tudo para agradar a Deus. (...) Como é belo!» E ensinava-lhes a rezar assim: «Meu Deus, dai-me a graça de Vos amar tanto quanto é possível que eu Vos ame!». (...) No seu tempo, o Cura d'Ars soube transformar o coração e a vida de muitas pessoas, porque conseguiu fazer-lhes sentir o amor

misericordioso do Senhor. **Também hoje é urgente igual anúncio e testemunho da verdade do Amor: *Deus caritas est*** (1 Jo 4, 8)”.  
(Bento XVI, *Carta de abertura do Ano Sacerdotal*, 16 de Junho de 2009)

- “Permiti abrir-vos o coração para vos dizer que a principal preocupação de todo o cristão, nomeadamente da pessoa consagrada e do ministro do Altar, há-de ser a fidelidade, a lealdade à própria vocação, como discípulo que quer seguir o Senhor. **A fidelidade no tempo é o nome do amor**; de um amor coerente, verdadeiro e profundo a Cristo Sacerdote”.  
(Bento XVI, *Discurso aos Sacerdotes e Consagrados em Fátima*, 12 de Maio de 2010)
- “A fé em Deus abre ao homem o horizonte de uma esperança certa que não desilude; indica um sólido fundamento sobre o qual apoiar, sem medo, a própria vida; pede o abandono, cheio de confiança, nas mãos do Amor que sustenta o mundo. [...] Exemplo e estímulo são os Pastorinhos, que fizeram da sua vida uma doação a Deus e uma partilha com os outros por amor de Deus. Nossa Senhora ajudou-os a abrir o coração à universalidade do amor. De modo particular, a beata Jacinta mostrava-se incansável na partilha com os pobres e no sacrifício pela conversão dos pecadores. **Só com este amor de fraternidade e partilha construiremos a civilização do Amor e da Paz**”.  
(Bento XVI, *Homilia no Santuário de Fátima*, 13 de Maio de 2010)
- “Neste caminho de fidelidade, amados sacerdotes e diáconos, consagrados e consagradas, seminaristas e leigos comprometidos, guia-nos e acompanha-nos a Bem-aventurada Virgem Maria. Com Ela e como Ela somos **livres para ser santos; livres para ser pobres, castos e obedientes; livres para todos**, porque desapegados de tudo; **livres de nós mesmos** para que em cada um cresça Cristo, o verdadeiro consagrado do Pai e o Pastor ao qual os sacerdotes emprestam voz e gestos, de Quem são presença; **livres para levar à sociedade actual Jesus Cristo** morto e ressuscitado, que permanece connosco até ao fim dos séculos e a todos Se dá na Santíssima Eucaristia”.  
(Bento XVI, *Discurso aos Sacerdotes e Consagrados em Fátima*, 12 de Maio de 2010)

## LITURGIA DA PALAVRA DA SOLENIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (textos e comentários)

---

A liturgia deste dia convida-nos a contemplar a bondade, a ternura e a misericórdia de Deus pelos homens – por todos os homens, sem excepção. Como imagem privilegiada para exprimir esta realidade, a Palavra de Deus utiliza a figura do Pastor: Deus é o Pastor que, com amor, cuida do seu rebanho.

A **primeira leitura** apresenta Deus como um “bom pastor” (contraposto aos líderes de Israel, os “maus pastores” que conduziram o Povo por caminhos de egoísmo e de morte), cuja preocupação fundamental é o bem-estar do seu rebanho; nesse contexto, o profeta anuncia a obra do Pastor/Deus: libertação do rebanho/Povo, o êxodo para a terra da liberdade, a condução do rebanho para “pastagens excelentes” e os cuidados amorosos que o Pastor dispensará a cada uma das suas ovelhas.

A **segunda leitura** lembra-nos que o amor de Deus se derrama continuamente sobre os homens. A prova cabal desse imenso amor é Jesus Cristo, o Filho que o Pai enviou ao nosso encontro para nos libertar do egoísmo e do pecado e que deu a própria vida para que o projecto de amor do Pai se concretizasse e atingisse a humanidade inteira.

O **Evangelho** retoma a imagem do Deus/Pastor, cujo amor se derrama, de forma especial, sobre as ovelhas feridas e perdidas do rebanho. Dessa forma, sugere-se que o Pastor/Deus não só não exclui ninguém da sua proposta de salvação – nem sequer aqueles que, pelas suas atitudes “politicamente incorrectas” são marginalizados pelos outros homens – mas até tem um “fraco” especial pelos excluídos: são precisamente esses os destinatários privilegiados do amor de Deus.

### LEITURA I – Profecia de Ezequiel 34,11-16

---

**Eis o que diz o Senhor Deus:**

**«Eu próprio irei em busca das minhas ovelhas e hei-de encontrá-las.**

**Como o pastor que vigia o rebanho,  
quando estiver no meio das ovelhas que andavam tresmalhadas,  
assim Eu cuidarei das minhas ovelhas,  
para as tirar de todos os sítios em que se desgarraram  
num dia de nevoeiro e de trevas.**

**Arrancá-las-ei de entre os povos  
e as reunirei dos vários países,  
para as reconduzir à sua própria terra.  
Apascentá-las-ei nos montes de Israel,  
nas ribeiras e em todos os lugares habitados do país.**

**Eu as apascentarei em boas pastagens  
e terão as suas devesas nos altos montes de Israel.**

**Descansarão em férteis devesas  
e encontrarão pasto suculento sobre as montanhas de Israel.**

**Eu apascentarei o meu rebanho,  
Eu o farei repousar, diz o Senhor Deus.**

**Hei-de procurar a ovelha que anda perdida  
e reconduzir a que anda tresmalhada.**

**Tratarei a que estiver ferida,  
darei vigor à que andar enfraquecida  
e velarei pela gorda e vigorosa.**

**Hei-de apascentar com justiça».**

### AMBIENTE

Ezequiel, o “profeta da esperança”, integrou essa primeira leva de exilados que, em 597 a.C., Nabucodonosor enviou para a Babilónia. Foi na Babilónia que ele se sentiu chamado por Deus e foi entre os exilados que ele desenvolveu a sua missão profética (entre 592 e 571 a.C., aproximadamente).

Numa primeira fase (entre 592 e 586 a.C.), a mensagem que Ezequiel se propõe transmitir procura desfazer as falsas esperanças dos exilados (apostados em regressar rapidamente a Judá) e anuncia um novo castigo para Jerusalém: não somos nós que vamos regressar rapidamente à nossa terra – diz o profeta; os que estão em Jerusalém e que continuam a trilhar caminhos de pecado e de infidelidade a Jahwéh é que virão ao nosso encontro, no Exílio.

Numa segunda fase (entre 586 e 571 a.C.), a mensagem de Ezequiel vai ser, sobretudo, uma mensagem de salvação, destinada a consolar os exilados e a alimentar a esperança num futuro novo de felicidade e de paz.

O texto que nos é proposto pertence a esta segunda fase. Depois de denunciar a responsabilidade dos dirigentes da nação (os “maus pastores”) na catástrofe nacional (cf. Ez 34,1-10), o profeta anuncia uma nova fase da história, na qual o próprio Deus vai apascentar o seu Povo.

A ideia de apresentar Deus como um pastor que apascenta o seu Povo não é original: os sumérios, os babilónios e os egípcios aplicavam esta imagem quer aos deuses, quer aos homens; e em Israel é uma imagem que, com frequência, se aplica a Deus (cf. Sal 23; 80; Jr 23,1-8).

## **MENSAGEM**

O tema fundamental deste texto é, portanto, a apresentação de Deus como um “bom pastor”, que cuida com amor do rebanho que é o seu Povo.

O nosso texto começa por apresentar a iniciativa de Deus, que “em pessoa” vem ao encontro do Povo escravizado (vers. 11: “Eu próprio tomarei cuidado das minhas ovelhas”). Apesar do pecado do Povo, Deus não abandonou o seu rebanho: até no Exílio os membros do Povo continuam a ser, para Deus, “as minhas ovelhas”.

Qual é o objectivo de Deus ao vir ao encontro das suas ovelhas? É libertá-las da escravidão, reuni-las e conduzi-las de regresso à terra prometida (vers. 12-13b). Tudo isto é descrito segundo o esquema do êxodo: saída e entrada. Deus quer repetir a maravilhosa iniciativa libertadora do êxodo do Egipto, trazendo novamente o seu Povo da terra da escravidão para a terra da liberdade.

Com a chegada dos exilados à terra da liberdade, estará terminada a acção de Deus? Não. Mesmo depois de as ovelhas terem reencontrado a sua terra, o pastor (Deus) continuará a dispensar-lhes os seus cuidados... As imagens utilizadas (vers. 13c-15) sublinham, por um lado, a abundância de vida, por outro lado, a tranquilidade e a paz que Deus se propõe dar – em todos os momentos – ao seu “rebanho”.

A acção salvadora e amorosa de Deus concretizar-se-á, ainda, na solicitude com que Ele tratará as ovelhas perdidas, desgarradas, feridas, enfermas (vers. 16). Aí manifestar-se-á a “justiça” de Deus que é amor, solicitude, ternura, misericórdia para com os mais pobres, marginalizados e débeis.

## **INTERPELAÇÕES**

- ◆ Dizer que Deus é o “bom pastor” implica falar de um Deus com o coração cheio de amor, que em todos os instantes está presente nos caminhos da nossa história, luta ao nosso lado contra tudo o que oprime e escraviza, aponta horizontes de esperança àqueles que andam perdidos, cuida de todos aqueles que a vida magoou e feriu, oferece a todos a vida e a salvação. Neste dia do Coração de Jesus, somos convidados a contemplar o amor e a ternura do Pastor/Deus que se derramam sobre todos os homens e, de forma especial, sobre os pobres, os oprimidos, os excluídos.
- ◆ A imagem do “bom pastor” é posta, nesta leitura, em contraste com os “maus pastores” (os líderes), os quais, procurando apenas “apascentar-se a si próprios”, conduziram o Povo e a nação por caminhos de egoísmo e de morte... Convida-nos a não colocar a nossa esperança e a nossa segurança em mãos humanas, pois só Deus é o “bom pastor” em quem podemos encontrar a vida em plenitude.
- ◆ Há aqui, também, um convite implícito a todos aqueles que têm responsabilidades na sociedade, na Igreja, na comunidade: que o serviço da autoridade seja exercido com solicitude e amor, não para nos servirmos a nós próprios, mas para servirmos os irmãos que Deus nos confiou. Que nos nossos gestos não haja egoísmo e prepotência, mas sim a presença efectiva e concreta do amor de Deus.

## SALMO RESPONSORIAL – Salmo 22 (23)

---

Refrão: **O Senhor é meu pastor: nada me faltará.**

O Senhor é meu pastor: nada me falta.  
Leva-me a descansar em verdes prados,  
conduz-me às águas refrescantes  
e reconforta a minha alma.

Ele me guia por sendas direitas por amor do seu nome.  
Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos,  
não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo:  
o vosso cajado e o vosso báculo me enchem de confiança.

Para mim preparais a mesa  
à vista dos meus adversários;  
com óleo me perfumais a cabeça  
e meu cálice transborda.

A bondade e a graça hão-de acompanhar-me  
todos os dias da minha vida  
e habitarei na casa do Senhor  
para todo o sempre.

## LEITURA II – Carta aos Romanos 5,5b-11

---

**Irmãos:**

**O amor de Deus foi derramado em nossos corações  
pelo Espírito Santo que nos foi dado.  
Quando ainda éramos fracos,  
Cristo morreu pelos ímpios no tempo determinado.  
Difícilmente alguém morrerá por um justo;  
por um homem bom,  
talvez alguém tivesse a coragem de morrer.  
Mas Deus prova assim o seu amor para conosco:  
Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores.  
E agora, que fomos justificados pelo seu sangue,  
com muito maior razão  
seremos por Ele salvos da ira divina.  
Se, na verdade, quando éramos inimigos,  
fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho,  
com muito maior razão, depois de reconciliados,  
seremos salvos pela sua vida.  
Mais ainda: também nos gloriamos em Deus,  
por Nosso Senhor Jesus Cristo,  
por quem alcançamos agora a reconciliação.**

### **AMBIENTE**

Quando escreve aos Romanos, Paulo prepara-se para deixar Corinto e para regressar a Jerusalém, no termo da sua terceira viagem missionária (ano 57 ou 58). Ele sente que terminou a sua missão na Ásia e pretende, agora, dirigir o seu esforço missionário para Ocidente. Por outro lado, Paulo está preocupado com a ameaça que pesa sobre a Igreja: ela corre o risco de se dividir em duas comunidades, uma judeo-cristã, outra pagano-cristã... Mais do que para a comunidade de Roma, é uma carta para todas as comunidades cristãs, onde Paulo – em tom sereno e didático – expõe as questões fundamentais que o preocupam. Sublinhando a unidade da revelação, a unidade do Antigo

Testamento e do Evangelho, as promessas feitas a Israel e o papel do antigo Povo de Deus na história da salvação, Paulo demonstra que judeus e pagãos, reconciliados por Cristo, têm lugar nessa comunidade fraterna que é a Igreja.

O texto que nos é proposto está incluído na parte dogmática da carta (cf. Rm 1,18-11,36), onde Paulo procura dizer que o Evangelho é a força que congrega e que salva todo o crente. Depois de esclarecer que ninguém tem méritos superiores aos outros, porque todos – judeus e pagãos – são pecadores (cf. Rom 1,18-3,20), Paulo ensina que é a “justiça” de Deus que dá a vida a todos, sem distinção (cf. Rm 3,21-5,11).

## **MENSAGEM**

O texto começa com uma referência ao amor de Deus, “derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo” (vers. 5). Aqui refere-se algo de essencial na nossa experiência religiosa: o cristão não é um “pobre coitado”, que se tornou escravo de fórmulas e de ritos e que vive prisioneiro de uma moral pré-histórica ou de uma hierarquia centralizadora; mas é, fundamentalmente, alguém a quem Deus ama... Nunca será demais insistir nesta evidência: Deus ama-nos. É essa a grande “boa notícia” que Paulo quer propor a todos os homens.

A prova desse amor é essa história incrível de Jesus de Nazaré, o Filho, a quem o Pai enviou ao mundo para “justificar” esses homens mergulhados numa história de egoísmo e de pecado e para os reconciliar definitivamente consigo. Paulo convida-nos a reparar nesse facto espantoso: Deus, o Pai, não passou a amar-nos quando nos convertemos; amou-nos desde sempre e, por isso, enviou o Filho ao nosso encontro “quando éramos ainda pecadores” (vers. 8). É claro que agora, salvos pelo sangue de Jesus, inseridos numa dinâmica de vida nova, temos ainda mais razões para esperar que Deus nos ame e continue a derramar sobre nós a sua vida (vers. 9-10). Esta é a raiz da nossa esperança.

Que significa dizer que fomos “justificados” e “reconciliados” com Deus pelo sangue de Jesus (vers. 9-11)? Significa que o Pai exigiu a morte do Filho em nosso lugar, a fim de nos poder perdoar as nossas faltas? Não. Significa que o Pai tinha um projecto de vida e de salvação para nós e que enviou o Filho ao nosso encontro para nos apresentar esse projecto... A morte do Filho foi o resultado do confronto do projecto libertador do Pai com o ódio, o egoísmo, a opressão que dominavam o mundo... Mas, se esse projecto foi cumprido – apesar das resistências – até ao dom da vida do Filho, isso demonstra a imensidão do amor de Deus.

## **INTERPELAÇÕES**

- ♦ Já o dissemos, mas não é demais repeti-lo: o cristão não é um “pobre coitado” nem um “pobre idealista” que, com os olhos no céu, luta contra moinhos de vento, condenado ao fracasso e à irrisão; o cristão é alguém que tem consciência do amor de Deus e que, com o coração cheio de alegria e de esperança, sente a necessidade de testemunhar aos homens – com palavras e com gestos – esse amor. Sentimos, verdadeiramente, que a nossa vocação é o encontro com o Deus/amor e o testemunho, diante dos homens, desse amor libertador?
- ♦ A consciência do amor de Deus dá-nos a coragem de enfrentar o mundo e de, no seguimento de Jesus, fazer da vida um dom de amor. O cristão não teme o confronto com a injustiça, com a perseguição, com a morte: tudo isso é secundário, perante o Deus que nos ama e que nos desafia a amar sem medida. Enfrente quem enfrentar, o que importa ao crente é ser, no mundo, um sinal vivo do amor de Deus. A nossa vida de encontro com quem nos cruzamos todos os dias, nos caminhos deste mundo, é testemunho e sinal vivo do amor de Deus que nos enche o coração?

## **ALELUIA – Mt 11,29b**

---

### **Aleluia. Aleluia.**

Tomai o meu jugo sobre vós, diz o Senhor,  
e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração.

**Naquele tempo,  
disse Jesus aos fariseus e aos escribas a seguinte parábola:  
«Quem de vós, que possua cem ovelhas  
e tenha perdido uma delas,  
não deixa as outras noventa e nove no deserto,  
para ir à procura da que anda perdida, até a encontrar?  
Quando a encontra, põe-na alegremente aos ombros  
e, ao chegar a casa,  
chama os amigos e vizinhos e diz-lhes:  
'Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida'.  
Eu vos digo:  
Assim haverá mais alegria no Céu  
por um só pecador que se arrependa,  
do que por noventa e nove justos,  
que não precisam de arrependimento».**

### AMBIENTE

A história que, hoje, Lucas nos conta deve ser colocada no contexto do "caminho para Jerusalém", quer dizer, nessa caminhada "espiritual", durante a qual Jesus prepara os discípulos para serem, após a sua partida para o Pai, as testemunhas do "Reino" no meio dos homens. Em várias lições, Jesus revela aos discípulos o ser do Pai e apresenta-lhes os valores fundamentais do "Reino"; na lição de hoje, Jesus apresenta uma catequese que revela o amor e a misericórdia do Pai.

Todo o capítulo 15 é dedicado a mostrar a força do amor de Deus. Em três parábolas, Jesus desenvolve o tema da busca e do encontro do que estava perdido, para mostrar o amor e a solicitude de Deus para com todos, nomeadamente para com os pecadores e os marginais. Trata-se de um tema muito caro ao evangelista Lucas.

A "parábola da ovelha perdida" aqui apresentada aparece também em Mateus (cf. Mt 18,12-14); mas, enquanto que em Mateus ela é aplicada à responsabilidade dos chefes da Igreja no que diz respeito aos "pequenos" das suas comunidades, em Lucas a parábola serve para ilustrar a misericórdia de Deus e o seu cuidado para com os pecadores: não há dúvida que o sentido de Lucas deve estar muito mais próximo do sentido original com que Jesus contou esta história.

Para percebermos cabalmente o que está aqui em causa, é importante termos em conta o "enquadramento" em que a parábola nos aparece. Tudo começa com uma observação dos escribas e fariseus que, vendo como os publicanos e pecadores se aproximavam de Jesus para O ouvir, comentaram: "este homem acolhe os pecadores e come com eles". Para os fariseus, era absolutamente escandaloso manter contactos com um pecador notório. Na época, um cobrador de impostos não podia fazer parte da comunidade farisaica; não podia ser juiz, nem prestar testemunho em tribunal sendo, para efeitos judiciais, equiparado ao escravo; estava também privado de certos direitos cívicos, políticos e religiosos... Jesus vai demonstrar, àqueles que o criticam, que a lógica dos fariseus (criadora de exclusão e de marginalidade) está em oposição à lógica de Deus.

### MENSAGEM

A parábola do pastor que abandona noventa e nove ovelhas no deserto para ir à procura de uma que se perdeu e que, chegado a casa, convoca os amigos e vizinhos para celebrar o achamento da ovelha perdida, é uma parábola estranha, se olharmos para ela com critérios de coerência e de lógica. Faz sentido abandonar noventa e nove ovelhas por causa de uma? E faz sentido esse espalhafato diante dos amigos e dos vizinhos, por causa de um facto tão banal para um pastor como é o reencontrar uma ovelha que se extraviou do grupo? Ora, são precisamente nesses exageros e nessas reacções desproporcionadas que transparece a mensagem essencial da parábola.

Os relatos evangélicos põem, com frequência, Jesus em contacto com gente reprovável, apontada a dedo pela sociedade, como os cobradores de impostos e as mulheres de má vida. É impossível que os discípulos tenham inventado isto: ninguém da comunidade cristã primitiva estaria interessado em atribuir a Jesus um comportamento "politicamente incorrecto", se isso não correspondesse à realidade

histórica. Não há dúvida: Jesus deu-Se com gente duvidosa, com pessoas a quem os "justos" preferiam evitar, com pessoas que eram anatematizadas e marginalizadas por causa dos seus comportamentos escandalosos, atentatórios da moral pública. Certamente não foram os discípulos a inventar para Jesus o injurioso apelativo de "comilão e bêbedo, amigo de publicanos e de pecadores (Mt 11,19; cf. 15,1-2). Porque é que Jesus se dava com essas pessoas?

Porque, na perspectiva de Lucas, Jesus é o amor de Deus que Se faz pessoa e que vem ao encontro dos homens – de todos os homens – para os libertar da sua miséria e para lhes apresentar essa realidade de vida nova que é o projecto do "Reino". A solicitude de Jesus para com os pecadores mostra-lhes que Deus os ama, que Deus não os rejeita, que Deus os convida a fazer parte da sua família e a integrar a comunidade do "Reino". É que o projecto de salvação de Deus não é um condomínio fechado, com seguranças fardados para evitar a entrada de indesejáveis; mas é uma proposta universal, onde todos os homens e mulheres têm lugar, porque todos – maus e bons – são filhos queridos e amados do Pai/Deus. A lógica de Deus é sempre dominada pelo amor.

A "parábola da ovelha perdida" pretende, precisamente, dar conta desta realidade. A atitude desproporcionada de "deixar as noventa e nove ovelhas no deserto para ir ao encontro da que estava perdida" sublinha a imensa preocupação de Deus por cada homem que se afasta da comunidade da salvação e o "inqualificável" amor de Deus por todos os homens que necessitam de libertação. O "pôr a ovelha aos ombros" significa o cuidado e a solicitude de Deus, que trata com amor e com cuidados de Pai os filhos feridos e magoados; a alegria desmesurada do "pastor" significa a felicidade imensa de Deus sempre que o homem reentra no caminho da felicidade e da vida plena.

Jesus anuncia, aqui, a salvação de Deus oferecida aos pecadores, não porque estes se tornaram dignos dela mediante as suas boas obras, mas porque o próprio Deus Se solidariza com os excluídos e marginalizados e lhes oferece a salvação. Encontramos aqui o cumprimento da profecia de Ezequiel que nos foi apresentada na primeira leitura: Deus vai assumir-Se (através de Jesus) como o Bom Pastor, que cuidará com amor de todas as ovelhas e, de forma especial, das desencaminhadas e perdidas.

## **INTERPELAÇÕES**

- ◆ Antes de mais, o que está em causa na leitura que nos é proposta é a apresentação do imenso amor de Deus. Deus ama de forma desmesurada cada mulher e cada homem. É esta a primeira coisa que nos deve "tocar" ao celebrarmos o Coração de Jesus. Interiorizamos suficientemente esta certeza, deixamos que ela marque a nossa vida e condicione as nossas opções?
- ◆ O amor de Deus dirige-se, de forma especial, aos pequenos, aos marginalizados, aos necessitados de salvação. Os pobres e débeis que encontramos nas ruas das nossas cidades ou à porta das igrejas das nossas paróquias encontram nos "profetas do amor" a solicitude maternal e paternal de Deus? Apesar do imenso trabalho, do cansaço, do "stress", dos problemas que nos incomodam, somos capazes de "perder" tempo com os pequenos, de ter disponibilidade para acolher e escutar, de "gastar" um sorriso com esses excluídos, oprimidos, sofredores, que encontramos todos os dias e para os quais temos a responsabilidade de tornar real o amor de Deus?
- ◆ Tornar o amor de Deus uma realidade viva no mundo significa lutar objectivamente contra tudo o que gera ódio, injustiça, opressão, mentira, sofrimento... Inquieto-me, realmente, frente a tudo aquilo que desfeia o mundo? Pactuo (com o meu silêncio, indiferença, cumplicidade) com os sistemas que geram injustiça, ou esforço-me activamente por destruir tudo o que é uma negação do amor de Deus?
- ◆ As nossas comunidades (cristãs e religiosas) são espaços de acolhimento e de hospitalidade, oásis do amor de Deus, não só para os amigos e confrades, mas também para os pobres, os marginalizados, os sofredores que buscam em nós um sinal de amor, de ternura e de esperança?